

ORIENTAÇÃO E LOCALIZAÇÃO: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Talisson de Sousa Lopes

Centro Universitário UNA, talidre@yahoo.com.br

Para chegar a um determinado lugar pela primeira vez é preciso ter referências ou o endereço, isso no campo ou na cidade, no entanto, nem sempre temos em nossas mãos instrumentos ou informações para a orientação. Localizar-se, estabelecer caminhos e orientar-se para seguir a direção certa: isso sempre acompanhou a história do homem na Terra. O que mudou, ao longo do tempo, foram os recursos (equipamentos, instrumentos), as características do espaço geográfico e, por consequência, os referenciais para localização e orientação. Esse trabalho descreve a atividade prática que aborda a orientação por meio da bússola realizada durante as aulas de geografia com alunos do Ensino Fundamental da E.E Maria Pereira de Araújo em Ribeirão das Neves/MG. Concluímos que, os alunos demonstram muito interesse quando se trata de atividades práticas em sala de aula, além de evidenciarmos a consumação de aprendizagem significativa, quantitativamente, no decorrer das atividades.

Palavras Chave: Orientação, Localização, Bússola.

1.0 Introdução

Uma das principais preocupações do ensino de Geografia atualmente, talvez, seja fazer com que os alunos aprendam a utilizar a ciência geográfica nos mais diferentes campos de suas vidas. Levando-se em consideração a grande amplitude do conhecimento geográfico, torna-se fácil as mais diferentes relações que se pode fazer dentro e fora de sala de aula. Um dos principais temas abordados que sempre vem à tona quando se fala em Geografia é a orientação e a localização no espaço geográfico. Mapas, cartas, globos, sempre são os primeiros objetos que vem à cabeça quando se trata da ciência geográfica. Porém há, ainda, uma grande lacuna a ser superada quando o tema é a localização e orientação.

O desafio da educação nos dias atuais é de buscar soluções para os problemas que surgem na sala de aula. É adotar uma postura cativante perante os alunos, para que eles percebam e se sintam inseridos dentro daquilo que se está estudando. E aí, entra a interdisciplinariedade/transdisciplinariedade que é alvo de reflexões constantes entre educadores em seus ambientes de trabalho. Ela é importante, porque parte de princípio de uma prática mais integrada, que possa “passear” entre as disciplinas a partir de uma temática.

Assim, pode proporcionar uma leitura dinâmica pelo movimento que busca a superação de um ensino fechado às outras áreas do conhecimento (CAP 2009).

A proposta apresentada se trata de uma atividade desenvolvida junto aos alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Maria Pereira de Araújo, localizada no município de Ribeirão das Neves/MG.

A atividade partiu da disciplina de geografia e teve como objetivos básicos, desenvolver as noções de orientação espacial por meio da localização dos pontos cardeais e colaterais no espaço físico da escola através do uso da bússola, além de desenvolver o espírito de trabalho coletivo.

2.0 Base Teórica

Na Geografia como um todo, a priori deve-se utilizar mapas, cartas, planisférios para melhor entender como funcionam as relações que ocorrem ao redor do mundo. Porém, com a histórica “crise” em que a educação brasileira passa pouco se utilizam esses recursos nas salas de aula, algumas vezes devido ao descaso e incompetência do Estado em gerir tais recursos, outras vezes pelo próprio descaso ou desinteresse por parte do professor em levar esses recursos para a sala de aula. Há uma grande dificuldade dos alunos entenderem quando o tema abordado é localização e orientação e o principal dificultador, muitas vezes, é a deficitária e quase nula leitura e interpretação de mapas, que para a Geografia, torna-se primordial. A falta de exercitar a leitura e interpretação de mapas faz com que a criança cresça e se transforme em um indivíduo, literalmente, perdido no mundo em que vive.

Portanto, é fundamental que o ensino da Geografia e, aqui mais especificamente da Cartografia, tenha início nos primeiros anos escolares da criança. Ao assimilar as informações do espaço vivido e conseguir visualizar estas mesmas informações em uma representação gráfica bidimensional, a criança estará adquirindo todo um saber científico que trará mais luz para as atividades da sua vida diária (ARCHELA; PISSINATI, 2007, p. 170).

Quando abordamos o ensino da Geografia sempre colocamos o estudo do espaço como objeto de estudo dessa ciência. A importância da construção de noções básicas como de orientação, localização, representação e a compreensão da dinâmica espacial da sociedade que (re) constrói constantemente o lugar onde vive (CAP 2009).

Para o trabalho dessas noções básicas da Geografia, a presença da escola se faz necessária, uma vez que “é urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e

representá-la melhor e, portanto, viver em busca de seus interesses” (CASTROGIOVANNI, p. 13, 2009).

Acredita-se que com atividades dinâmicas e voltadas a realidade em que o aluno está inserido, a geografia se aproxima deles que são estimulados a colocar em prática aquilo que aprenderam na teoria dentro da sala de aula. Estes, tem autonomia para usar/observar a bússola, por exemplo, a imagem de satélite e outros instrumentos e práticas e tomar decisões referente ao seu cotidiano ou de seu futuro. Como coloca Callai (2003)

“a geografia que o aluno estuda deve permitir que ele perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e que estão inseridos num processo de desenvolvimento”.

Sendo assim, a alfabetização cartográfica deve ser trabalhada já nos primeiros anos das crianças nas escolas, e essa alfabetização deve ser feita/refeita até o final dos anos escolares, para que se tornem indivíduos que, além de meramente pensantes, sejam pensantes críticos.

3.0 Desenvolvimento

Para o desenvolvimento da atividade de Orientação e Localização, foram adotados os seguintes passos:

1) O desenvolvimento da noção de orientação.

Introduziu-se o assunto sobre orientação, teorizando e desenvolvendo atividades em sala de aula e fora para que os alunos compreendessem a partir de seu corpo a posição dos objetos no espaço. Eu o espaço, eu em relação a outro objeto, e eu e outros em relação a um objeto, e assim por diante, seguindo-se assim, os passos de desenvolvimento das relações topológicas, projetivas e euclidianas.

Foram desenvolvidos exercícios de orientação com dinâmicas relacionadas ao convívio deles, como estratégias de jogo (direções das jogadas), localização de lugares conhecidos, noções da sala de aula. No pátio, foram analisadas as paisagens de acordo com a

direção da rosa dos ventos, que está situada no pátio da escola, bem como a sobreposição das informações referente a posição dos prédios. A compreensão que, mesmo atrás da construção, continua-se tendo a mesma direção, mas é preciso contorná-la tomando outra direção para retornar e ir à direção desejada. Outras atividades também foram desenvolvidas para a compreensão do assunto.

2) Organização da atividade com os alunos.

Reunimos os alunos das turmas do 1º ano do ensino médio em grupos, sendo cada um, identificado por o nome de uma constelação, partindo da ideia da rosa dos-ventos com os pontos cardeais e colaterais (NORTE/SUL, LESTE/OESTE, NORDESTE/NOROESTE, SUDESTE/SUDOESTE), localizada no pátio da escola.

Os alunos receberam orientações quanto do desenvolvimento e regras que teriam que cumprir para que a atividade fosse concluída com êxito. Cada grupo (Figura 1) recebeu:

- Uma bússola
- Um roteiro a ser seguido
- Caderno e lápis/caneta para anotações

Cada grupo saiu de um ponto neutro do pátio da escola e recebeu um trajeto com coordenadas diferentes, sendo que todas continham informações diferentes umas das outras. A atividade se desenvolveu a partir disso, os alunos faziam os cálculos e todos do grupo tinham que cooperar para que chegassem ao ponto de chegada (Figura 2) com a coordenada final. O grupo que não conseguiu achar as coordenadas corretas já no início da atividade, dificilmente conseguia achar o ponto final certo.

Levando em conta que cada aluno tinha sua função e que a atividade foi realizada em grupos, os resultados obtidos foram extremamente gratificantes, pois além do senso de espaço dos alunos que pode ser desenvolvido, já que foi realizada no pátio da escola, questões de trabalho em equipe (Figura 3), cálculos matemáticos, escalas gráfica e numérica, foram desenvolvidas de forma satisfatória.



Figura 1: Aluno com a bússola e o trajeto a ser descoberto pela escola.



Figura 2: Alunos manuseando a bússola para encontrarem o trajeto correto a ser seguido.



Figura 3: Trabalho em equipe para se chegar a coordenada final certa.

No final da atividade, quando os grupos que seguiram corretamente as coordenadas contidas no trajeto informado a cada um, chegassem no destino final, era informado se tiveram êxito ou não na prática de se chegar a um determinado ponto utilizando os pontos cardeais e colaterais em uma bússola.

Como cada trajeto, já estava estipulado o ponto de chegada, se o grupo acertasse, ganharia a pontuação avaliativa. Caso contrário, era informado ao mesmo, onde possivelmente tinham errado para que pudessem seguir novamente o trajeto a partir do ponto correto.

No final da atividade, foi solicitado aos grupos que fizessem um croqui (Figuras 4 e 5) dos pontos e lugares percorridos no decorrer do trajeto feito.

As notas das atividades de cada grupo foram somadas e verificadas as somas totais de todos os grupos, ordenadas de forma crescente, obtendo a classificação por melhor desempenho na resolução das atividades, bem como, do desempenho do grupo em seu deslocamento espacial pelo colégio.

Com o intuito de valorizar o esforço de todos os alunos foi realizada uma conversa final, primeiramente ouvindo o que os alunos acharam da atividade, ressaltando os pontos positivos e também negativos que apareceram, logo após foi divulgado a classificação e foram premiados todos os grupos, pois, chegou-se a conclusão junto com os alunos que, o importante é participar e manter o esforço em aprender cada vez mais, principalmente pra aqueles grupos que não se saíram muito bem.



Figura 4: Aluno finalizando o croqui após atividade ter sido concluída.



Figura 5: Croqui finalizado pelos alunos.

4.0 Considerações Finais

Uma atividade dessas permite que os alunos coloquem em prática o que geralmente costuma-se limitar ao espaço da sala de aula, ponto positivo que foi ressaltado pelos próprios alunos nos comentários finais. Concluímos que a proposta dessas atividades complementar e inovará o método tradicional, ou seja, auxiliará no método dos professores quando abordam os conceitos de orientação. A experiência com essa atividade mostrou o entusiasmo de colocar em prática no pátio da escola um conhecimento que poderia ter se limitado somente as quatro paredes da sala de aula.

Isso prova que, uma atividade que provoque os alunos, também se mostra como um desafio a ser superado e comemorado quando de seu sucesso. Todos mostraram grande motivação quando da sua realização, bem como, grande comprometimento.

Mas, principalmente, buscamos desenvolver, viabilizar e prover a apresentação e compreensão dos conhecimentos científicos que possibilitam uma formação crítica e reflexiva para a plena participação do aluno, na sociedade em que vive. Motivações e curiosidades,

geradas pelo desenvolvimento de conteúdos de Astronomia, são prazerosas e importantes, quando se trata dos fenômenos da natureza, como orientação pelas estrelas, orientação pela bússola e aurora Boreal.

5.0 Referências Bibliográficas

ARCHELA, R. S.; PISSINATI, M. C. Fundamentos da alfabetização cartográfica no ensino de Geografia. Geografia, Londrina, n. 1, ano 2007, p. 169-195, jan./jun, 2007.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: Recortes espaciais para análise. IN: **Geografia em Sala de Aula: Práticas e Reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2003, pg 57 - 63.

CAP, Diamar Ruoso. **Gincana De Orientação: Uma Proposta PEDAGÓGICA**. Enpeg, 10º Encontro de Práticas do Ensino em Geografia, Porto Alegre, 2009. Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20\(57\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20(57).pdf)

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. **Geografia em Sala de Aula: Práticas textualizações no cotidiano**. Porto Alegre. Editora Mediação, 7ª Ed. 2009, pg 11 - 81.